

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

# PORTUGUEZA

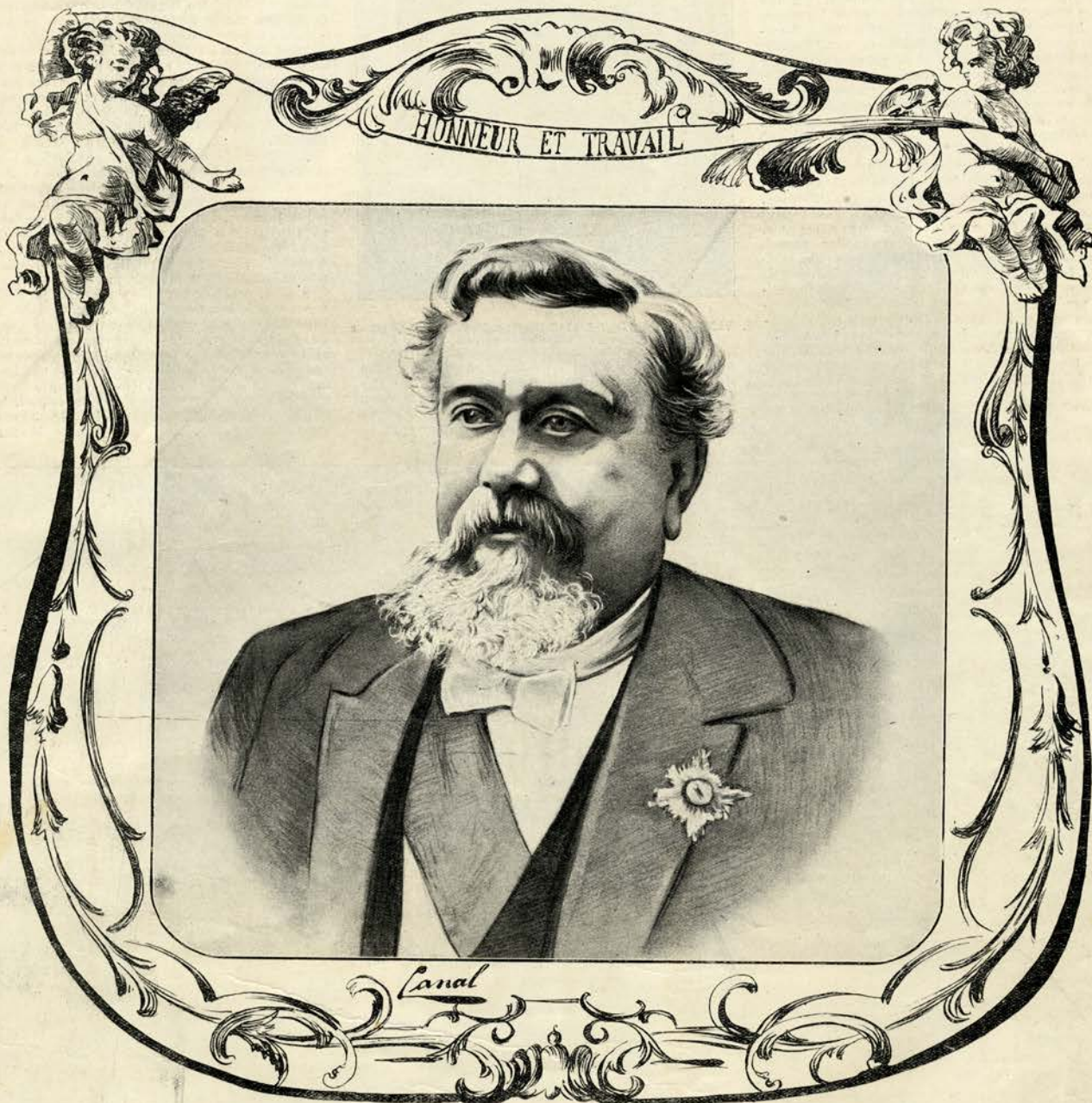
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRATION PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

TERCEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 1906

NUMERO 116



O NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA—Mr. Clement-Armand Fallières

O novo presidente da Republica Franceza, que deve entrar no palacio do Elysee em 18 de fevereiro, é filho d'um escravo de paz em Mezin, no departamento de Lot-et-Garonne, na Gasconha. Sen avô era ferreiro, elle é desde já o primeiro magistrado da França. Nasceu na pobre casa do operario em 6 de novembro de 1814, aprendeu a lêr no collegio da povoação e cursou o bacharelato no Instituto de Angouleme, onde deixou a tradição d'um bom alumno. Em 1860 foi para Paris

estudar direito, foi um bohemio do bairro latino e nunca deixou de fazer um exame, apezar d'essa vida agitada que fazia dizer ao pae: «Este demonio nunca será nada!» O vaticinio não se realisou. Fallières, depois d'uma brilhante carreira como advogado e como politico, é presidente da Republica, chegou ao 'maximo que se pode aspirar em França. Foi advogado em Nérac, demonstrando bem as suas idéas republicanas, a ponto de se indispor com a familia, que era conservadora. Quan-

do cafu o imperio foi feito *maire* de Nérac, em 1873 destituiram-no por motivos politicos, quando Mac-Mahon foi presidente, elegeram-no deputado pela cidade, occupando desde então um importante logar na politica. Em maio de 1880 foi nomeado sub-secretario no ministerio dos cultos, formou o primeiro gabinete de Sadi-Carnot, foi ministro da justiça em 1890, senador em 1892 e presidente do senado desde 1899, em substituição de Lonbet cujo logar vae agora occupar.

# Chronica

## Em dia de S. Vicente

Desde o primeiro dia do anno até hoje, dia de S. Vicente, só a politica tem occupado e, ainda assim, sem grande interesse, a sociedade portugueza.

Não se faz nem um grande crime nem uma grande descoberta, não houve nem uma grande fallacia nem um roubo bem architectado, não appareceu nem um ladrão emerito nem um politico habil, não surgiu nem um grande livro nem uma grande peça, o que, de resto, não nos admira. Para que possa haver uma litteratura intensa, viva, fortemente commocionante é necessário ou que se esteja n'um periodo de conflitos ou de prosperidades, de agitações ou ainda de decadencias. Alexandre Dumas, pae, dizia que só lhe representavam o *Antony* ou nas vespas das revoltas ou quando ellas se aplacavam e o publico ainda estava vibrante. Ha peças assim.

Ora eis o que é bem difficil conseguir-se aqui. Um acontecimento que faça esse enthusiasmo, que gere essa vibração tão necessaria, que interesse, que nos faça mover.

O portuguez tem o ar de viver sem surpresas, amargamente, talvez, mas sem excitações, parece que sonha cousas tão extraordinarias que acha mesquinho tudo quanto vê e d'ahi a sua indifferença. Realmente, ao pé do sonho, a vida é uma banalidade, porém é certo que o portuguez não é esse visionario que se imagina. Não tem nem o temperamento, nem a organização, nem mesmo o ar, não illude como esses bons tendeiros e boticarios, medicos e jardineiros de Tarrascon, que tem cabeças de bandoleiros, de piratas, de facinoras ou de guerreiros e, no fundo, são apenas excellentes pessoas. Não, o portuguez não illude. E' o que é; um ser susceptivel de tudo; de conquistar a India como de



S. VICENTE DE FÓRA DE LISBOA—Túmulo de D. João, um dos meninos de Palhavã nos claustros.

adorar Santo Antonio, de fazer revoluções como de chorar depois sobre as victimas que fizer e por isso se elle não tem agora, desde ha muito mesmo, esse interesse que gera as discussões, que cria os enthusiasmos, é porque, realmente, não apparece

cousa alguma condigna d'isso, apesar de se dizer que vamos n'um excellente caminho.

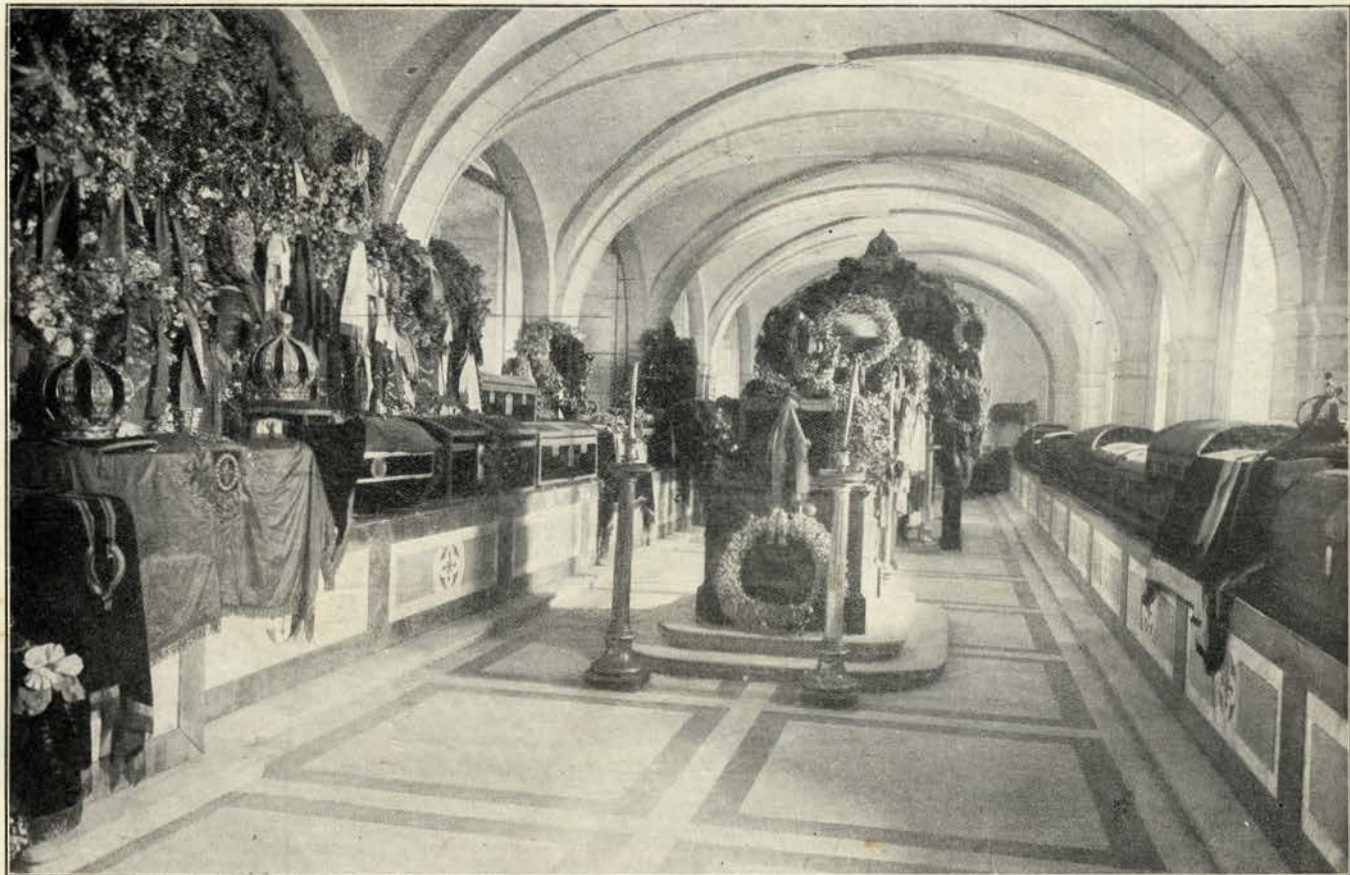
E' certo, no entanto, que entre nós alguma cousa varia. Basta ler os jornaes, ver os acontecimentos da semana. Um gatuno de grandes ares e de grandes collarinhos mette a motte a mão na algeibra d'outro *dandy* e acha uma carteira. E' surprehendido, diz-se francez, abre-se a carteira e o larapio lança um olhar desdenhoso ao roubado. O homem atravessára os Pyreneus para empalmar vinte e cinco tostões!

Um ministro desafia um jornalista para se bater, em virtude de se julgar offendido por certa apreciação e o ministro faz esse desafio sem se demittir, do mesmo modo que se o convidasse para jantar e dando mesmo a impressão de ter subido ao poder só para ter um duello e uma farda; um homem, no auge do ciume, mata a mulher amada não com uma navalha, não com um revolver, mas com um guarda-chuva; n'um theatro certa comedia cae não pela pateada mas pela gargalhada e assim tudo tem acontecido a dar-nos a impressão de que tudo tem variado.

Antigamente os gatunos não andavam bem vestidos e quando roubavam sujeitos de representação encontravam-lhes na algeibra sempre maquinas grossas; os ministros, quando se sentiam tocados pelos jornaes, calavam-se e, se queriam falar, davam primeiro a demissão; os assassinos serviam-se de armas mais certeiras e cheias de tradição do que o guarda chuva; as comedias, quando faziam rir, não caíam, ficavam muito tempo no cartaz.

Agora, como se vê, tudo é diverso, no roubo como na politica, no crime como no theatro, porém tudo é, tambem, em tão pequena escala que todos nós deixamos passar os acontecimentos sem um sorriso e sem um berro, sem uma indignação e sem um consolo. A variedade é para peor. E por isso é de esperar que o dia de S. Vicente, esse dia do martyr a quem os corvos pouparam, o que, talvez, hoje já não succedesse, seja escuro e frio, elle que costuma ser claro e quente.

ROCHA MARTINS.

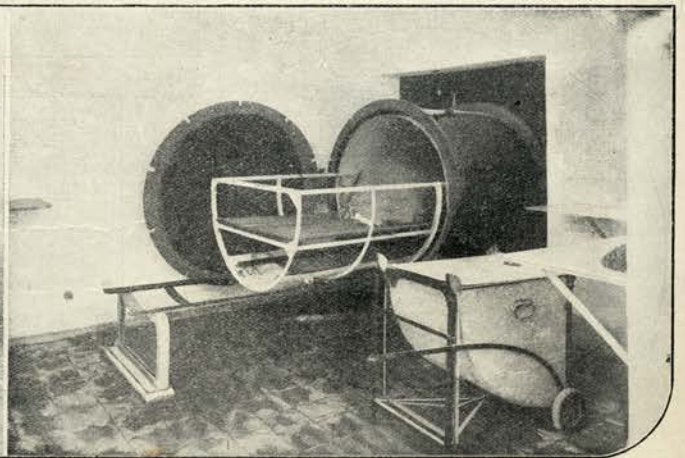
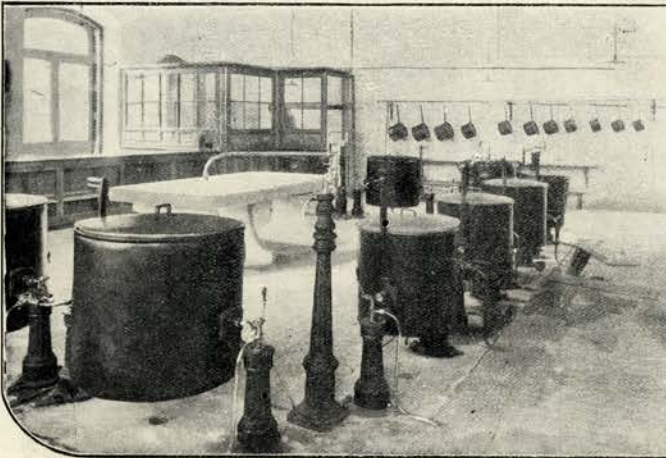
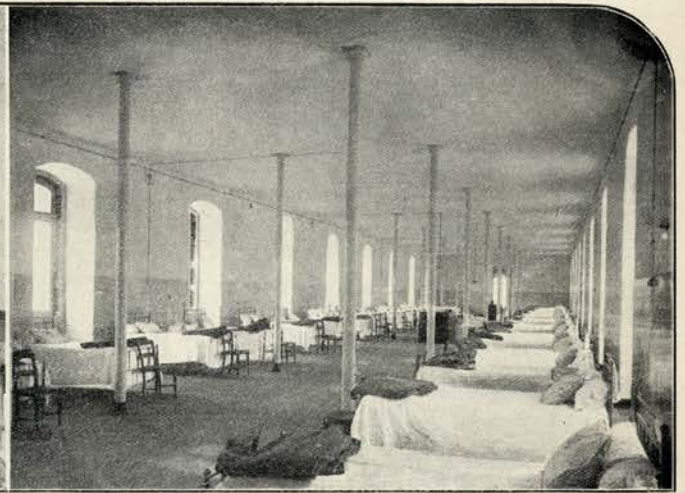


S. VICENTE DE FÓRA DE LISBOA—O Pantheon Real



**ALGUNS DOS DESCENDENTES DO GRANDE ESTADISTA SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELLO, CONDE DE OEIRAS E MARQUEZ DE POMBAL—A familia do actual Marquez**

*D. Manuel de Carvalho Dann e Lorena, Sr. conde de Oeiras, filho do sr. marquez de Pombal—D. Francisco de Carvalho Dann e Lorena, filho do sr. marquez de Pombal—Sr.ª condessa de Oeiras—Sr.ª marquez de Pombal—Sr.ª D. Maria Adelaide Dann e Lorena e D. Antonio de Carvalho Dann e Lorena, netos do sr. marquez de Pombal—O actual marquez de Pombal—Sr.ª D. Maria de Carvalho Dann e Lorena, filha do sr. marquez de Pombal—D. Sebastião de Carvalho Dann e Lorena, filho do sr. marquez de Pombal—D. Joaquim de Carvalho Dann e Lorena, filho do sr. marquez de Pombal.*



**O NOVO HOSPITAL DO REGO DESTINADO AO TRATAMENTO DE DOENÇAS INFECTO-CONTAGIOSAS**  
 Enfermaria para crianças—Enfermaria—Aspecto dos pavilhões para doenças contagiosas—Cozinha—Estufa de desinfecção para roupas

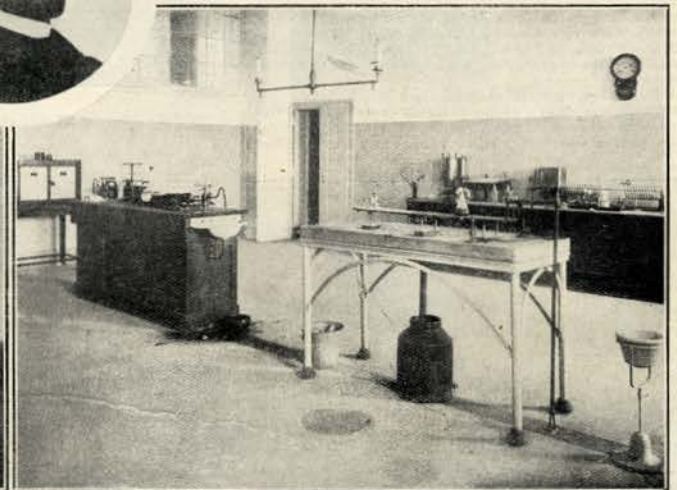
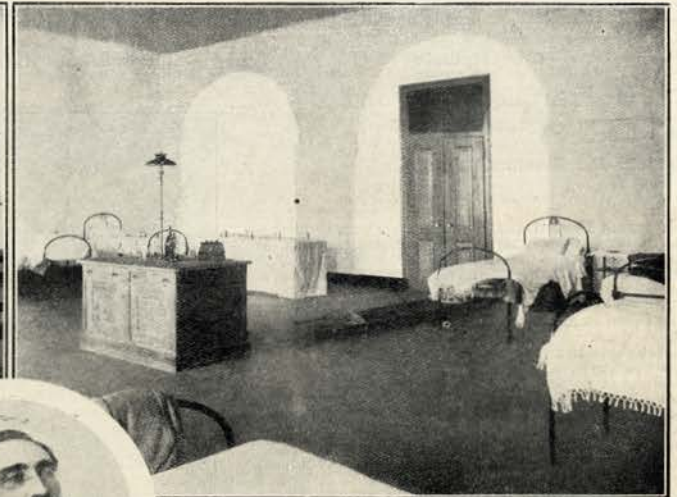
O novo hospital fica no local do antigo convento das Servitas de Nossa Senhora das Dóres, que d'elle foram obrigadas a sair por occasião da questão religiosa de 1901.

O governo tomou posse do edificio e deliberou entregal-o á administração dos hospitais civis, que ali installou agora o novo hospital. As dependencias do edificio são magnificas, bem dispostas e melhor installadas,

tendo sido iniciada a construção em 1901 sob as vistas do enfermeiro-mór sr. dr. Curry Cabral, do engenheiro D. Luiz de Mello Correia e do secretario da administração hospitalar, sr. dr. José Teixeira Gomes. A inauguração foi feita com solemnidade, como se determinara. Ficaram desde logo ali 21 tuberculosas que estavam no hospital de S. José.

O sr. dr. Curry Cabral inaugurou o hospital estando

presentes os facultativos que ali hão de fazer serviço e que são os srs. drs. Nuno Porto, Alfredo Luiz Lopes, Antonio Eduardo da Costa, Avelino Monteiro, Custodio Caheça, Ernesto Farinha e Benjamin Arrobas, directores de enfermaria, sendo assistentes os srs. drs. Balthazar Osorio, Nicólan Battencourt, Antonio Ferraz de Macedo, Oliveira Soares, Vasques Machado, Carlos Franca e Carlos Arthur da Silva.



**AS NOVAS INSTALAÇÕES DO HOSPITAL COLONIAL A JUNQUEIRA. ONDE ESTÃO OS PRETOS ATACADOS PELA DOENÇA DO SOMNO**  
 Dr. Kopke—Fachada do Hospital—Dr. Bordallo Pinheiro—A aula—Um aspecto da enfermaria—Os negros atacados pela doença do somno—  
 Dr. D. Antonio de Lencastre—Laboratorio

Pinheiro Chagas em 22 de maio de 1885 fez um projecto de lei para a criação d'uma cadeira de pathologia exotica, que não foi por diante em virtude da dissolução das cortes em 5 de janeiro de 1886. Mais tarde installou-se na Junqueira o hospital colonial e a escola de medicina colonial frequentada por aspirantes a medicos do ultramar. Actualmente tratam-se alli alguns

pretos atacados pela doença do somno, a qual é produzida pela picada da mosca *tsetse* ao que dizem os professores que tem feito estudos especiaes da molestia. São 7 os negros em tratamento, havendo um perigosamente enfermo. Os medicos do hospital dr. Bordallo Pinheiro, Ayres Kopke e D Antonio de Lencastre tem

continuado a serie de estudos acerca da terrivel molestia que infecta as colonias portuguezas africanas e grande parte da Africa Oriental, isto a ponto do governo allemão ter subsidiado com 200 contos de réis uma missão de sabios presidida pelo celebre bacterologista dr. Kock a fim de ir aquella região estudar a doença.



O escriptorio

## O Marquez de Pombal

(A proposito da sua estatua)

### Palacio das Janellas Verdes

(Continuado do numero antecedente)

Foi para Pombal que o desterraram sem, ao menos, lhe deixarem esse refugio da sua querida casa de Oeiras. Achavam que ficava muito perto da nobreza, da corte, do poder e, então, afastavam-no, elles, os jumentos, aos coices ao leão decrepito.

All, em Oeiras, passeando nos seus jardins, passando n'essa ponte maguifica feita de madeira do Brazil e que não tem um só prego, olhando as suas preciosidades, lendo os seus livros, descansando junto da cascata cheia de obras d'arte, á sombra das suas arvores, olhando lá do alto do terrado aquelles campos onde ont'ora plantara a feira, o marquez teia a santa illusão de que estava ali por sua vontade e o seu coração de bronze tornar-se-hia menos duro. Passeando nas salas, que nunca mais viu após a morte do rei, elle recordaria e viveria; elle lembrar-se-hia do seu soberano, ali, lado a lado, conversando, dizendo-lhe louvores, em cada arvore do parque veria uma testemunha do seu poder, em cada pedra da residencia uma amiga, e, sentado áquella escrevaninha que ainda hoje lá existe e onde D. José assignava, d'olhos fechados, os decretos que o marquez lhe apresentava, reviveria, o grande ministro.

Mas o exilio, em Pombal, foi mais horrivel... Aquella casa não tinha recordações, o marquez, ali, morreu mais depressa.

E Pombal que morreu abandonado n'essa villa, no seu marquezado, deixava varios palacios que não devia ver mais, como eram o da rua Formosa, aqui junto ao *Seculo*, o de Oeiras e o das Janellas Verdes que tem grandes



Um crucifixo do tempo do Marquez



A capella

terraços sobre as tarracenas do antigo caes de José Antonio Pereira.

O actual marquez, o representante d'esse grande ministro, reside nas Janellas Verdes e ali guarda as reliquias d'um passado de glória.

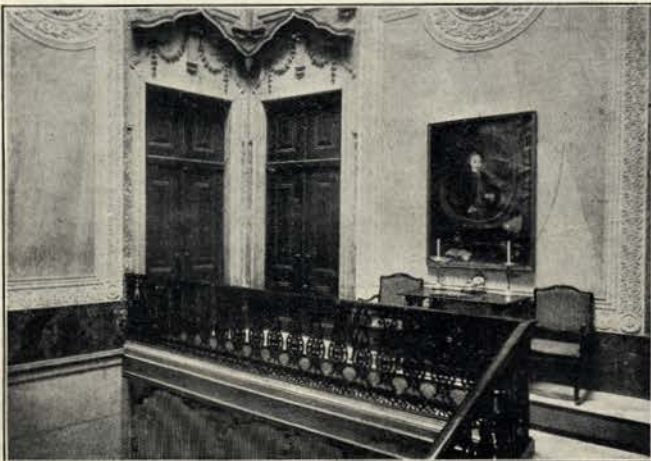
Entre as preciosidades d'Oeiras, admirámos nos de não encontrar um simples retrato do principe D. José, d'esse filho de Maria I que Pombal destinava ao throno, do qual o devia afastar primeiro a revelação de José Seabra da Silva, depois a morte, com todos os visos d'um attentado.

Pombal quizera estabelecer em Portugal a lei salica, quizera defender a sua obra e receando muito que a mão debil d'uma pobre mulher como era a princeza do Brazil não pudesse segurar o edificio que elle edificára, poz as suas esperanças no principe D. José e com toda a razão entrou a esperar muitissimo d'elle, José Seabra da Silva, que foi depois ministro, trabalhava na secretaria de Pombal, mais ou menos foi posto ao facto do que se passava em relação á princeza e, ambicioso, na áncia de chegar depressa a um posto que sonhara, preveniu-a das idéas do ministro. Desde logo se puzeram embargos a essa obra que teria defendido o paiz em decadencia e Pombal, sabedor do caso, tratou de enviar para as Pedras Negras esse inconcidente serventuario. No degedo, Seabra da Silva soube esperar. Morreu D. José I, succedeu-lhe a filha que fez julgar o grande estadista, e o principe D. José, o neto do rei, deliberou tambem saber esperar. Mas enquanto aguardava o momento de collocar na cabeça a coroa, de tomar o sceptro, a mãe fazia regressar ao reino o delator da idéa do marquez, fazia o ministro, dava-lhe grandes honrarias e o filho meditava sempre na rehabilitação da memoria do seu mestre.

Tão alto falou n'isto, tanto disse a tal respeito, de tal maneira demonstrou que aproveitara as lições de Pombal que começou a ser um objecto de receios. A Inglaterra era para elle a loba que engulha tudo o que tinha



El-rei D. José



Escada d'entrada vendo-se na parede o retrato do principe D. José



Fachada para o lado do Tejo



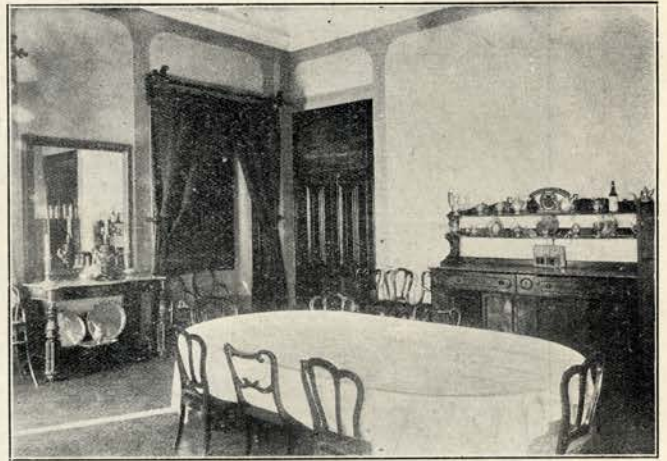
Salão nobre

mos de bom, os jesuitas, a clerezia eram para elle o espectro.

Pina Manique vigiava-o, os padres andavam a espiarl-o e quando elle adoecei com bexigas espalharam que soffria d'uma temivel doenca contagiosa, disseram que se tornava perigoso o chegarem-se a elle, guardaram-no n'uma camara; quando pedia agua negavam-lha, quando queria ver os seus deixavam-no só e assim morreu aquelle que devia ser D. José II, se não fosse a malevolencia d'um homem e a infamia do seita e d'uma corte de timoratos fidalgos.

Pois esse retrato, que tanto nos admirou não ver em Oeiras, encontra-se no palacio das Janellas Verdes demonstrando bem o amor que o grande ministro tinha pelo discipulo querido, pelo mancoço que se tivesse reinado teria poupado a Portugal muitas vergonhas e toda essa decadencia que lhe deram com os maus governos as invasões das tropas de Napoleão, o Grande.

Da obra de Pombal só uma cousa resta: a cidade baixa. O resto voltou á mesma. D. Maria I deixou que se tornasse á epoca fradesca com todos os seus des-



Sala de jantar

panterios e tolices; a corte lisongoira achincalhava a memoria do ministro a que chamava desdenhosamente: o Sebastião José! Tudo quanto elle deixou destruíram.

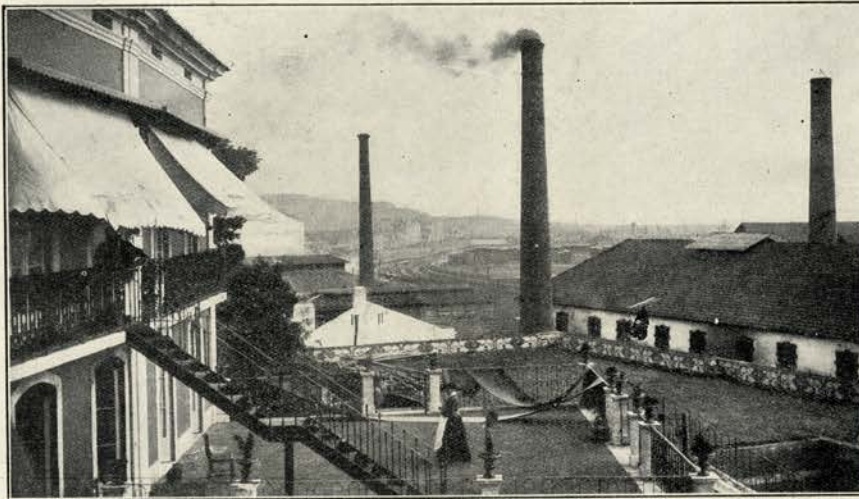
Os inglezes dominaram de novo, os padres tiveram,

de seguida uma bem notavel preponderancia; e elles que arrazaram o trabalho herculeo do unico grande estadista que Portugal teve, não sabemos como não annularam tambem a cidade que ahí está edificada a recordal-o, como não derrubaram essa estatua equestre que é um symbolo e uma maravilha, como não arrazaram a Baixa só porque ella recordava o seu inimigo.

E' d'ahi talvez que nas suas mais intimas preces tivessem pedido do novo o terramoto.

Agora, a posteridade faz justicia ao marquez e á gente do seu tempo. A este, ao grande homem ergue-lhe uma estatua, vingal-o; aos outros anatémisa-os adorando ainda mais a Pombal do que se elle tivesse sido feliz até ao fim da vida.

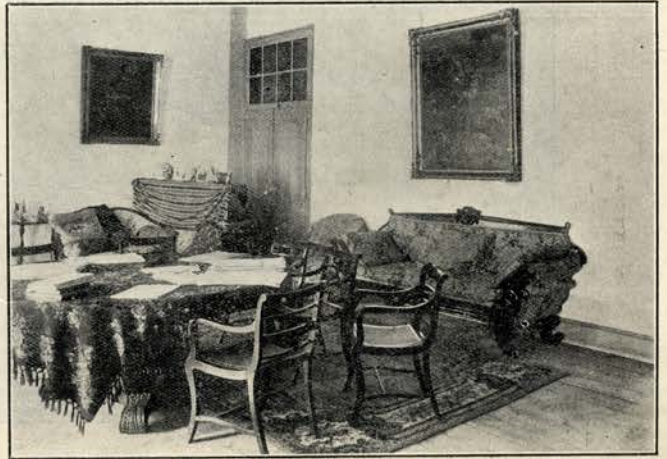
Para a suprema grandezza fallava-lhe o supremo ultrageo que os reis ingratos costumam fazer aos que os servem desde Affonso d'Albuquerque até esse homem cuja estatua dentro em pouco ficará lá no alto da Avenida a proteger a cidade em cuja entrada do lado do Tejo se ergue a do rei que elle sonha fazer grande, á sua imagem, como um Deus que tocasse a fronte d'um simples mortal.



Aspecto dos grandes terraços



Sala côr de rosa



Sala de musica



#### A ELEIÇÃO DE MR. FALLIÈRES, NOVO PRESIDENTE REPUBLICA FRANÇAESA, EM VERSAILLES

O palácio de Versailles foi fundado pelo rei Sol, Luis XIV, que fez um edificio grandioso no local onde existia apenas um pobre pavilhão de caça. Em Versailles moravam esse rei, sua mãe de Pompadour e Luis XV, o povo invadido em 1789, quando se começava a revolução. Foi ali que nasceu Luis XVI e Maria Ant

res. Havia fome em Paris, o povo entendeu que a família não entrava na cidade, mas que em Versailles havia pão e banquetes lustrados; então levou os soberanos para a capital, no intuito de os ver partilhar as misérias da população. Luis Philippe fez em Versailles um museu destinado a consagrar todas as glorias da Fran

ça do palácio a coroação do imperador Guilherme. Os senhores Brisson, Freycinet e Combes um voto cada presidente da Republica são eleitos na grande sala da cidade também um hotelão branco. Logo que foi da direita. Ali foram investidos na suprema dignidade chamada a eleição existiamse vivas freneticos e Palda republica Thiers, Mac-Mahon, Grevy, Carnot, Cailles ao sair do palácio foi vitorioso pela multidão mir Perier, Faure, Leoubet e em 17 de corrente mes se acompanhada ao palácio de Luxemburgo, onde Fallières, que foi eleito por 448 votos, obtendo um. Depois serviram-se, por Rouvier e Dupuy, ministros

Leoubet. A profissão de fé do novo presidente foi a seguinte:  
«Sou scrupuloso observador da constituição e servidor dedicado das instituições e da patria. Sei o quanto é pesada a tarefa que me impõem as minhas responsabilidades, mas indo entrar n'uma casa onde

te sete annos deo exemplos numerosos de coragem, prudencia, patriotismo e desinteresso, seguirei o caminho traçado por elle. E assim ficou eleito Armand Fallières presidente da Republica Francaesa até 18 de fevereiro de 1913. O novo presidente, e em virtude das suas opiniões deo demonstradas, Decreto Van configura



## Os fornos da cal

Na noite as labaredas dos fornos altas e veimelhas vistas de longe, do topo do Alvito, parecem linguas abrazadas surgindo do vulcão; e caminhando para ellas, n'uma attracção, levados por aquelles clarões rubros, vae-se encontrar um povo d'obreiros, ao fim dos torcillos dos monticulos, que vigia a cozedura, junto ás bocarras atafalhadas de tojo.

Espreitando na embocadura, as faces enrubescidas pelo calor, com o ar phantastico d'um cyclope junto a uma fornalha, o forneiro vigia, cala aquella bócca feita ao cabo de cuidados de muitos dias, deitando-lhe o combustivel que alimenta essa enorme machina onde a pedra vae fundindo em colorações extranhas, desde o claro ao côr de rosa, desde o vermelho vivo ás tonalidades iriadas, onde ha a dominação do azul e do rubro.



avermelhadas pela cal, que nas manhãs avançam por umas viellas soturnas batendo os seus tamancos.

Os fornos são altos, mesmo muito altos alguns, são como poços de grandes gargallos, onde se vae acamando a pedra arrancada das pedreira visinhas, onde se vae collocando com arte a acompanhar os grossos paredões, quasi amuralhados. Primeiro sobre a parede que se forma no circuito da caldeira, que fica em baixo, arrumam-se as pedras grandes, os *agulheiros*, depois á medida que se vae rodeando tudo aquillo de pedra põem-se os *alcances*, que são os blocos d'encontro, isto é os que se juntam aos outros e que com o enorme calor da cozedura se devem soldar, e isto vae-se fazendo sempre do mesmo modo contornando os paredões com o material até que por fim, quando o poço está meio, os trabalhadores, cá do alto, vão despejando as paíolas



No descanço—Nas pedreiras—O capello d'um forno—Mettendo lenha na fornalha—Um forneiro—Um patrão dos fornos

O forno é como uma colmeia, tem a sua forma, enche-se com uma precisão mathematica e despeja-se do mesmo modo por um processo que, sendo ainda primitivo, é magnifico.

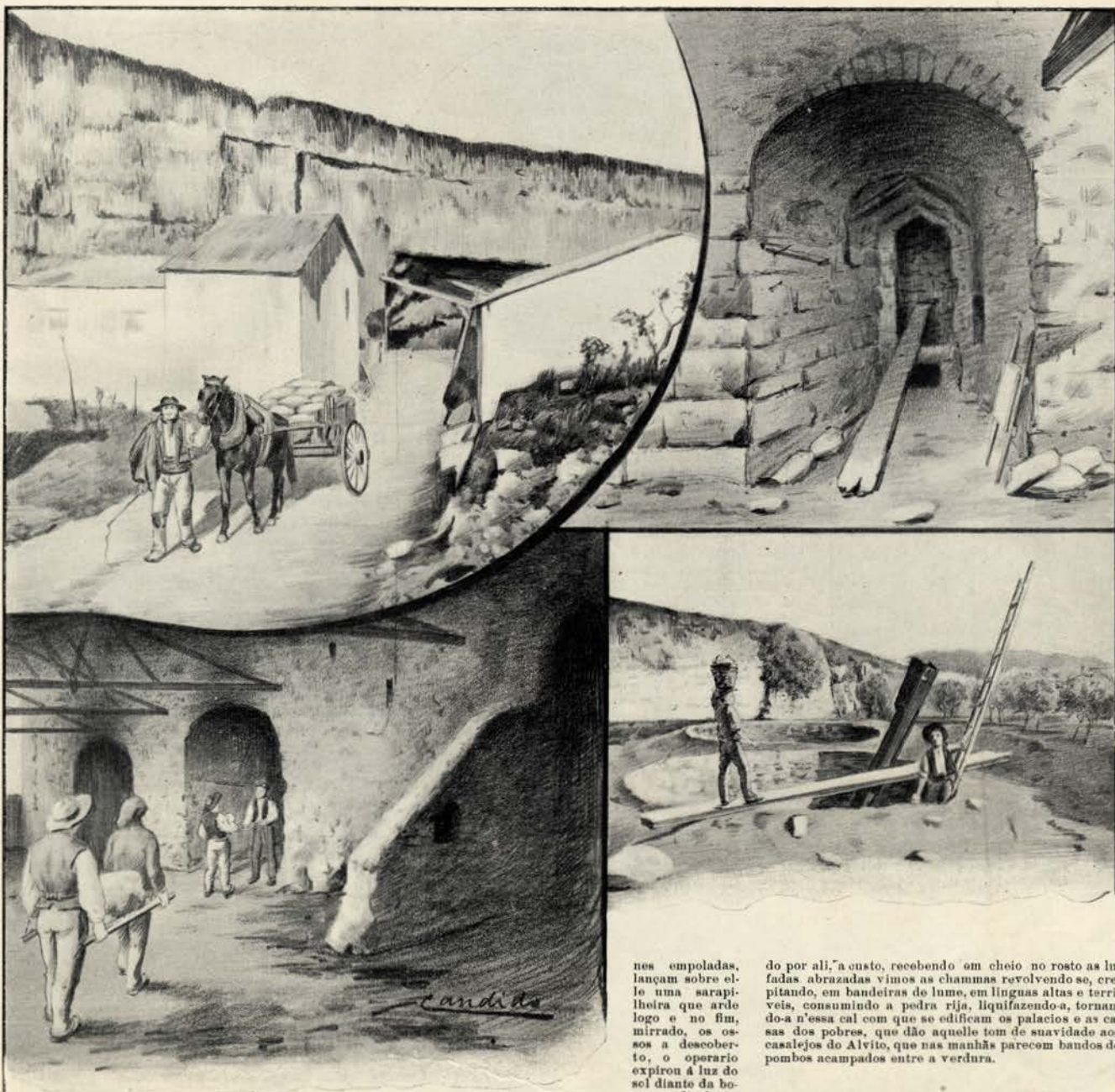
Entre varios fornos espalhados por todo o paiz, ha os d'Alcantara onde se emprega uma grande quantidade de gente, de homens de rostos tostados e palpebras

até que o enchem. O matto já está collocado entre as pedras, ao meio, em grandes pilhas, e assim se chega até ficar de cogulo, começam então a fazer uma especie de pyramide a que chamam capello e que vem fechar n'uma aboboda, revestida depergunda d'uma camada de barro amassado, fica assim o forno bem atulhado e completo.



Resta largar o fogo e esperar, na media, de vinte e cinco a trinta dias para a cozedura estar prompta, para se começar a excavação d'essa grande camada de cal em bloco que ainda em quanto os homens vão tirar com os seus ferros á maneira d'alavancas e que ao caír faz uma poeirada que os cega, que lhes entra nas polles, a abertoejalos e até a ferir os.

No verão, quando o sol aquece rijamente, aquelles plains verdes do Alvito, junto á Tapada Real, toda cheia de sombras frescas, de retiros apraziveis, de logares onde se está bem ouvindo cantar a agna e olhando as arvores em flor, dentro d'esses fornos acolmeados que nas noites anteriores tinham pennachado fumo e vomitado labaredas, os homens, com as ventas mal tapadas por lenços, estão no interior d'essas paredes descarregando golpes com as alavancas emquanto a cal vae caíndo ainda quente. E' como uma asphyxia que se faz, suam por todos os poros, as gargantas seccam, os olhos tem láivos vermelhos, ha como uma suffocação



Transporte das saccos de cal—A bocca do forno—Feira para a combustão—Ao encher do forno

n'aquelles peitos e sempre armados com os ferros, vão despedindo os seus golpes, assim esquentados, a cal a escorrer-lhe pelos fatos, a poeira que come a carne a empolar-lhes as mãos de trabalhadores.

De quando em quando saem, veem até cá acima vêr o ceu onde o sol brilha, olhar o Tejo que fica ao fundo, respirar um pouco, para de novo se metterem n'essas covas onde a cal toda clara, toda branca como flocos de neve, ás vezes os atabafa, os mata como succeden ha annos n'esses fornos que ficam mais perto dos muros da Tapada.

Andava-se a descarregar o forno; lá dentro, batucando nas abobodas, despejando a cal da muralha, empoeirados e suffocados, recebendo as lufadas d'aquelle calor ardentissimo, os operarios faziam o seu trabalho. De repente cae um bloco, liquiffeito, candente, spanha um dos desgraçados que é amortalhado n'aquella materia a escaldar. Arrastam no para fóra, meio consumido, as car-

dando talvez que lhes podia ter succedido ontro tanto n'aquella tarde linda, toda de azul e de sol.

Por isso indo do Alvito, para aquelles montes altos que vomitavam hume, que illuminavam com fachos um largo circuito, ao achegarmos-nos aos fornos cheios d'aspecto pensavamos mais na sorte dos obreiros que viamos d'ahi e pouco accorados junto do fogo, illuminados pelas chammas coloridas, do que propriamente n'esse effeito que a planicie apresentava.

Lá no alto, junto ao *capello*, ha uns respiradouros feitos na camada de barro e onde se collocam pequenas pedras á medida que a cozedura se vas fazendo e olhan-

nes empoladas, lançam sobre elle uma sarapilheira que arde logo e no fim, mirrado, os ossos a descoberto, o operario expiron á luz do sol diante da bocca do forno onde se fizera o cozimento diante dos outros, desvaírados e recorrendo a memoria do tanto

do por ali, a custo, recebendo em cheio no rosto as lufadas abrazadas vimos as chammas revolviendo se, crepitando, em bandeiras de lume, em linguas altas e terribéis, consumindo a pedra rija, liquifazendo-a, tornando-a n'essa cal com que se edificam os palacios e as casas dos pobres, que dão aquelle tom de suavidade aos casalejos do Alvito, que nas manhãs parecem bandos de pombos acampados entre a verdura.

Os operarios vivem ali de sol a sol, ora enchendo os fornos de pedra, ora vigiando as fornadas, ora fazendo esse terrivel descarregar que é a peor tarafa nos fornos de cal. As suas refeições são cozinhadas sobre uma pedra de cal, collocando sobre ella uma marmitta onde deitam a agua e os generos e dentro em pouco, em virtude do enorme calor d'essa pedra de cal viva a refeição está preparada e por isso se calcula o que será o desabar d'uma das paredes de aboboda sobre um desgraçado que dá assim a sua carne a comer ao forno que o roe; como succedeu a esse homem em que viemos pensando quando nos afastámos dos fornos que na noite escura elevavam chammas rubras como se fossem vulcões em elaboração guardados por homens affeitos ao labor, gente simples, ali quasi phantastica na luz vermelha das bocarras que elles alimentam com os toros da pinho e com o seu labor.



Príncipe Jorge



Príncipe Henrique



Príncipe Conrado

### OS PRINCIPES DA BAVIERA QUE ESTIVERAM EM LISBOA DESDE 15 A 20 DE JANEIRO

O cartão d'ouro com brilhante que vai ser entregue a S. M. a rainha bem como um cheque de 100 libras destinado á Assistencia Nacional dos Tuberculosos é uma lembrança do Jockey Club Fluminense para commemorar a visita da canhoneira *Patria* ao Rio de Janeiro e representa a terça parte do producto das entradas nas corridas de cavallos que se realisaram em homenagem aos officiaes d'esse navio portuguez.

A offerta cheia de gentileza é uma linda acção. No meio d'uma festa em que estão portuguezes, ao som das musicas, no esplendor da diversão, ha alguém que se lembra d'aquelles que soffrem em Portugal, e na augusta senhora para cujo coração é sempre grato poder mitigar as dores d'esses desgraçados.

A idéa do sr. Costa Lima, que foi tambem o portador da offerta, teve o acolho que era de esperar e assim festejando os officiaes da *Patria* se dedicou tambem aos pobres um pensamento todo de generosa caridade.



Sr. Antonio Xavier da Costa Lima

Que fez entrega do cartão d'ouro e do cheque a S. M. a rainha



O cartão d'ouro com brilhante



A festa das crianças em Ilhavo no dia de Reis

(Cliché do sr. Mario Cardoso, de Ilhavo)



A FESTA DAS CRIANÇAS NO SALÃO DA TRINDADE A distribuição de brinquedos

O *Diário Illustrado* tomou há alguns annos a iniciativa da distribuição de brinquedos ás crianças pobres, e essa festaziua é deveras sympathica, pois dá aos filhos dos humilhes uns momentos de gozo ao receberem aquelles pequenos objectos que são offercidos por pessoas da sociedade elegante. Concorreram ao salão da Trindade mais de mil crianças e algumas actrizes dos

theatros da capital fizeram essa distribuição e conjuntamente a de bolos e de sandwiches que as crianças recebiam sorrindo e as mães sorrindo tambem agradeciam ao verem os filhinhos acariçados, formando todo esse espectáculo um alegre conjunto. Primeiro assistiram os pequenitos a uma *matinée* em que tomaram parte, além do sextetto Moraes Palmeiro, as distinctas

actrizes Laura Cruz, que recitou a poesia de Abel Botelho *Amarga surpresa*, Jesuina Mottili, que recitou os versos de Christovão Ayres *Alegrias para uns e tristezas para outros*, e Lucilla Simões, que disse a poesia do sr. Luiz Trigueiros intitulada *Bêbé reconhecido*. Balfadas de commção foram umas horas bem passadas essas em que as crianças tão felizes se mostraram.

# A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

Por FÉLIX-BRUGIERE e LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES



E N'ESSE FUNEBRE REGRESSO O CONQUISTADOR CURVAVA A SUA CABEÇA ALTIVA

Soaram de repente tres assobios. Mas ao mesmo tempo distinguia-se a estrupida dos cavallos a galope, acompanhada de altos gritos.

Não restava duvida de que vinham do Samarkande e do campo da feira.

Os fuggitivos eram perseguidos.

—Depressa, que vem gente! disse elle em voz baixa a Herman e Bottermans

E, lançando os braços a Nadia e Kaniadjé, deitaram a correr.

Cem metros apenas os separavam dos aerostatos, mas o solo estava arrgoado, atulhado de pedras e de tufos de driss. Kanyadjé cahiu, soltando um ligeiro grito. Mérande ergueu-a e tomou-a nos braços. Bottermans amparava Nadia, que os seus estofos embaraçavam. Subitamente Herman cahiu e não ponde levantar-se.

—Tenho uma perna quebrada, exclamou elle; deixae-me. Fugi.

Porém, Bottermans, sem hesitar, agarrou em Herman, e com uma força, que o desespero duplicava, levou-o. Divisavam-se claramente os aerostatos, que na escuridão pareciam imensos. Deante do grupo offegante appareceu Ivan.

Retiniam os gritos dos perseguidores, e os guardas dos aerostatos sahiam, incertos, com a vista turva do somno interrompido.

—Por aqui, disse Ivan, o aerostato está prompto.

—Sois vós? exclamou Paulino do alto da torrinha. Temos só um aerostato, mas caberemos todos n'elle. Attenção! Seis degraus para subir, e só ponde entrar uma pessoa de cada vez.

—Subi primeiro, commandante! E' preciso que seguereis a machina. . . Vem ahi gente.

Mérande não hesitou. Disse a Ivan:

—Subi; péga em cada mulher por sua vez, os homens irão depois.

Ouvia-se a avalanche da perseguição, que archotes fumegantes illuminavam sinistramente.

Gritos: «Prendam, prendam os europeus!»

Mérande estava já na torrinha, examinando o mechanismo n'um rapido lance de olhos á luz da lampada electrica. Paulino, a seu lado, olhava pela vigia. Via de lá com terror chegar cavalleiros a toda a brida, atravez da praça do mercado. Os primeiros estavam a trezentos metros. N'um minuto os aerostatos seriam envolvidos.

Ivan acabava de deitar as mãos a Kanyadjé, que se debatia, não comprehendendo já coisa nenhuma do que se passava. E, terrificada, ouvindo os gritos dos cavalleiros, resistia ao gigante russo. Mas Ivan depò-a á entrada da torrinha. Nadia, impellida por Bottermans, subia atraz d'elle. Herman, por terra, via chegar o ataque.

Kanyadjé, desprendendo-se subitamente de Ivan, appareceu no rebordo da portinhola. Enxergou ao mesmo tempo Nadia, que subia, e um cavalleiro que chegava a todo o galope, exclamando: «Nadia! Kanyadjé!»

Era Timour.

Uma loucura de asiatica cegou a donzella. N'um relampago comprehendeu que os europeus iam fugir, que Nadia partia com elles, desaparecendo, trahindo seu pae.

E, saccando um punhal, que a não deixava nunca, feriu com elle Nadia, que, saltando um suspiro, cahiu para traz. Mas o impeto de Kanyadjé fora muito brusco; perdia o equilibrio; Nadia agarrou-se-lhe ao vestido, e cahiram ambas.

N'esse momento, com a rapidez do raio, elevava-se o aerostato, n'uma subida vertiginosa, e com um ruido formidavel desaparecia nas trevas.

Paulino, vendo o perigo, e querendo só uma cousa, salvar o seu commandante, batera fortemente no pedal, e dando á manivella a volta toda, que imprimiu ao aerostato, com o risco de se despedaçar, a velocidade de cincoenta metros por segundo, partia com Mérande e Ivan. Mérande, aturdido pela partida brusca, quasi derubado, não vira cousa nenhuma.

Timour chegava, com effeito, com uma força de cavallaria. Fez estacar o seu corcel fumegante no momento em que o aerostato fugia rapido deante dos seus olhos assombrados. A vibração do ar foi tão forte que o cavallo recouo, e foi abaixo dos pés, sendo que muitos dos que chegavam em turbilhão se chaparam.

Timour ergueu-se, e com vez de trovão:

—Archotes!

Acudiu gente de todos os lados. Os aerostatos projectavam a sua luz electrica ao acaso, depois concentraram-na sobre o grupo de cavalleiros.

No logar do aerostato jaziam Nadia e Kanyadjé envoltas nas suas brancas vestes e ao lado d'ellas Bottermans e Hermann, que haviam perdido os sentidos com a violencia do ar deslocado pelo aerostato.

Timour viu logo que faltava Mérande, e comprehendeu que elle ia no aerostato. Capitão antes de pae, o seu primeiro pensamento foi perseguir Mérande.

N'esse momento, o inglez, chefe da esquadra aerea, chegava esbafofido.

—Vae immediatamente, exclamou Timour, o francez partiu com um aerostato. Persegue-o, trai-o aqui. A tua cabeça responde por elle.

O inglez não tugiui nem mugiu, e desapareceu.

Abeirando-se então do grupo extendido no chão, Timour mandou separar as duas mulheres. Kanyadjé recobrava os sentidos. Reconheceu o pae, inclinado sobre ella, e o seu rosto pallido contrahiu-se de dor. Levantavam Nadia, cujos véos estavam vermelhos de sangue, e que, livida, parecia morta.

—Nadia! murmurava surdamente o conquistador. Nadia ferida, morta!

E, voltando-se para Kanyadjé com voz rude e irritada:

—Falae, minha filha, como vos achies aqui? e o que foi que succedeu a Nadia?

Kanyadjé, a tremer, não respondia. A mão brutal de Timour agarrou-lhe um hombro. Ella soltou um grito de dor. . . Escapou-lhe da mão o punhal, que ainda segurava. . . Timour viu-o brilhar. . .

—O teu punhal? Foste tu que feriste Nadia! Oh! desgraçada!

El levantava o punho sobre a cabeça da donzella.

Uma voz, porém, deteve-o:

—Fui eu que feri Nadia.

Bottermaus, que voltava a si, e que, desesperado, comprehendeu que tudo estava acabado para elle, visto Nadia estar morta, queria, n'um supremo impulso do seu coração generoso, salvar Kanyadjé da colera de seu pae, e ser ferido elle proprio.

Timour voltou-se para elle.

—Sim, Nadia queria impedirnos de fugir, detinha Mérande, Kanyadjé ameaçava-nos com o seu punhal. Foi então que eu feri aquella que nos havia trahido, e que nos trahia ainda...

Bottermaus não podia terminar. Timour fizera um signal, e o pesado sabre de um cavalleiro fendia a cabeça do energico europeu, que se abatia sobre o corpo de Nadia, e n'um supremo amplexo, a inundava dos seu sangue.

Herman foi morto igualmente, e Timour levou as duas mulheres, tendo Kanyadjé desmaiado de novo. E n'esse funebre regresso o conquistador curvava a sua cabeça altiva, que a aza do destino adverso roçava pela vez primeira.

TERCEIRA PARTE

## A Europa contra a Asia

I

### REGRESSO SENSACIONAL

Não longe dos Invalidos, n'um palacete da avenida de Ségur, cuja frontaria era discretamente velada pela folhagem de grandes castanheiros, e por detraz do qual se extendia um d'esses parques em miniatura, tão raros hoje em Paris, trabalhavam silenciosamente a mãe do commandante Mérande e sua filha Carlota. Estavam á entrada de um pequeno salão que dava para o jardim e gozavam da frescura de uma tarde luminosa do fim do verão. Mas a sua occupação parecia extranha para mãos de damas. Cortavam extensas tiras de panno, que cosiam juntas e enrolavam muito apertadas. N'esse ambiente de paz, a imagem da guerra passava rapidamente com os objectos destinados ao penso dos feridos.

De feito, por toda a parte na Europa se preparavam para essa terrivel e tão subita tormenta, que surgira do fundo da Asia, e cujos primeiros rugidos despertavam emfim os governos europeus, a principio incredulos.

Mas os pensamentos das duas mulheres estavam longe do seu trabalho machinal, ou antes a feitura d'esses tristes pannos transportava constantemente os seus pensamentos para aquelle cujo desaparecimento, a morte quasi certa, as torturava, havia tres mezes. Não falavam nunca uma com a outra, e empregavam a mais delicada attenção em não se communicarem a sua horrosa afflicção. Dissimulavam os seus receios, os quaes se iam agravando á medida que o tempo andava, ligando com elle essa invasão, na qual, sem duvida nenhuma, ficára sepultado o filho e o irmão. Excitavam-se, pelo contrario, a esperar um regresso cada vez menos provavel.

O pipillar de um pardal que baixou quasi até pousar nos joelhos da donzella lhe fez levantar a cabeça. Viu que duas grossas lagrimas rolavam pelas faces emurchecidas da sua mãe, e, fazendo um movimento espontaneo e gracioso, ergueu-se vivamente e estreitou com meiguice entre as mãos a cabeça da pobre mulher, beijando-lhe demoradamente a testa. A senhora Mérande correspondeu ás suas caricias com um profundo soluço. E, contra a propria vontade, escapou-lhe dos labios tremulos esta pergunta:

—O que dizem os jornaes?

—Ai! sempre a mesma coisa. Os russes tiveram que recuar deante das hordas de cavalleiros mongoes. O exercito do Caucaso e numerosos cossacos foram trucidados em Kasan. Mas a Europa, emfim, move-se. As potencias decidiram pactuar alianças contra o inimigo commum. Em França foram já expedidas ordens á esquadra e ao exercito.

E um suspiro entumescceu o peito da donzella.

Roberto Dubarral preveniu-me que partiria d'aqui a dois ou tres dias.

—E d'além não ha noticias? murmurou frouxamente a mãe.

N'este momento ouvín-se tocar a campainha. As duas mulheres interromperam as suas confidencias, e um ligeiro sorriso afflorou aos labios de Carlota. Bem sabia ella quem podia tocar aquella hora. Os amigos da familia Mérande, respeitando a sua dor, depois de terem ensaiado entretê-la com as suas illusões e consolações, tinham pouco a pouco renunciado a perturbar o insulamento em que se concentravam a senhora Mérande e sua filha. Só o almirante Videau, ministro da marinha, e Roberto Dubarral, o noivo de Carlota Mérande, sabiam que eram bem recebidos a toda a hora.

Roberto Dubarral era tenente de marinha e amigo intimo de Paulo Mérande. O seu casamento com a irmã d'este fóra tratado pouco antes da sua partida, e por commum accordo o casamento ficára adiado até ao regresso do irmão, cuja missão devia durar, quando muito, um anno. Além d'isso, Roberto Dubarral fóra obrigado, no momento em que partia Mérande, a embarcar para as Antilhas, e só de lá voltara quando as noticias da invasão amarella se tornaram bastante assustadoras, para obrigar ao chamamento das divisões navaes.

Dentro em pouco tempo ia elle tornar a partir, pois

que o ministro da marinha lhe promettera o commando de um dos primeiros transportes destinados a levar o mais rapidamente possível tropas á Palestina, para protegerem uma concentração sobre o flanco da invasão.

Pedira especialmente para ficar autorizado a desembarcar elle proprio, com o intento de procurar, sendo possível, vestígios da missão internacional do Occidente. Mas não tinha illusões nenhuma, e, se falava d'esse modo, era para manter esperanças supremas no coração d'aquella a quem amava. E o caso era que as suas frequentes visitas haviam, com effeito, reconfortado um tanto a sua desolada e a senhora Mérande. Dera-lhes, pelo menos, probabilidades, ás quaes a sua imaginação se prendera para contrabalançar por vezes o seu desespero.

N'esse dia Dubarral entrou no salão com precipitação fóra do costume. Tinha a physionomia animada, e logo á entrada da porta desdobrou um jornal. As duas mulheres, já de pé, viram-no approximar, ansiosas; mas, como não notavam no seu rosto um contentamento especial, possuiram-se mais de terror que de esperança.

Roberto, porém, não se demorou a explicar-lhes a causa da sua excitação anormal.

—Socegae, que não ha nenhuma noticia má, disse elle, notando a commoção das duas mulheres, mas sim um acontecimento muito extraordinario. Ainda não sabeis nada? Pois isso passou-se muito perto d'aqui, e os rapazes dos jornaes apregoam bem alto a noticia por toda a parte.

A senhora Mérande e Carlota fizeram signal negativo.

—Vou dizer o que foi. Seriam tres horas, um aere-

tato, que se via evolucionar, havia já um certo tempo, sobre a cidade, desceu na praça da Concordia.

«Primeiramente, julgou-se que seria alguma experiencia ordenada pela secretaria da guerra, porque o aerostato de que se trata tinha as cores da França. Mas essas machinas estão sempre fechadas, e ainda nenhuma soltou o seu vôo, e aquella que por cima de nós pairava lá nas alturas tinha uma fórma particular.

«Havia já uma certa inquietação; perguntavam já no ministerio e no governo civil se não seria um reconhecimento ordenado pela invasão, quando o aerostato, effectuando a sua descida, descreveu uma curva magestosa, e veio cahir no meio de immensa multidão entre o obelisco e a estatua de Strasburgo.

«Os passageiros foram logo reconhecidos como europeus. O que o commando é um francez, e, segundo parece, vem do Oriente... Imaginam bem que effeito enorme produziu logo.

—Viste lo? exclamou Carlota.

—Não, minha querida, não assisti a nada d'isso, e tenho pena. Soube-o apenas pela voz publica e pela leitura d'esta folha tirada á pressa por um diario da tarde. Comprei-o agora mesmo, quando vinha para cá, e li-a pelo caminho.

—Quem é esse francez? inquiriu a senhora Mérande, não menos commovida que sua filha. Se chega do Oriente, talvez saiba alguma coisa!

—Não ousava concluir.

FOLHETIM N.º 28

(Continua.)



TRABALHAVAM SILENCIOSAMENTE A MÃE DO COMMANDANTE MERANDE E SUA FILHA CARLOTA



**PENAFIEL—Campo do Conde de Torres Novas e quartel de artilharia 4: Aspecto da feira mensal**

A gravura que publicamos, refere-se á feira mensal dos 20, que no fim do mez de dezembro se verificou em

Penafiel no Campo da Feira, que é extenso e fica em frente do magafico quartel de artilharia 4. Foi um dos

melhores mercados que temos presenciado, talvez, devido á feira ser a ultima do anno.

(Phot. do sr. Victorio Melló, de Penafiel)

## CHRONICA ELEGANTE

A presente quadra é das mais desanimadoras com respeito a novidades no assumpto modas. Está assente o que se usa no inverno tanto de dia como de noite; as andorinhas, que vão chegando á formiga como que a explorar atmosferas propicias, estão ainda longe de nos annunciar formosas dias de primavera e a Densa Moda repousa sem ainda tentar decretar cousas novas e sensacionais para a futura estação.

Os ecos de uma brilhante boda principesca trouxeram-nos a fugaz impressão do deslumbramento que deviam sentir os que assistiram a tão esplendidas festas.

A exposição do enxoval e das *toilettes* da gentil infanta espanhola foi para o publico feminino madrileño um acontecimento sensacional. As joias faiscantes de ouro, pérolas e pedrarias scintillavam como oestrellas multicolores nos esplendidos *serres* artisticas e no mesmo tempo cautelosamente expostos; as *toilettes* opulentas e



FIG. 2

elegantissimas, em que se viam dispostos e misturados da forma mais sabiamente estndada velludos e sedas sumptuosas, rendas preciosas, pelles caras, guarnições riquissimas de varios generos e estylos; as roupas finissimas e espumantes de rendas e *mousselines*; os chapens de feitios e enfeites diversos; os leques, as sombrinhas, as *écharpes*, *boas*, golas e regalos de mimosas plumas e pelles, os *bibelsats* de toda a sorte, finalmente esse conjunto, tão formoso quanto encantador, constituiu um attractivo dos mais seductores para o bello sexo.

No meio de tão profusas riquezas, houve a nota sympathica de ser tudo confeccionado no paiz; tambem foram notaveis a distincção e o bom gosto que presidiram a toda a escolha, sem sombra de excentricidades nem de exageros.

Alguns vestidos de velludo tinham a forma *Princesse*, que é realmente uma das mais elegantes e proprias a realçar uma estatura esbelta e airosa.

Os velludos escuros são dos mais formosos e poucas guarnições acmitten, a não ser alguns bordados artisticos feitos em seda mais clara, com uma gola e punhos em renda fina.

As rendas continuam sempre a ser o *cachet* mais precioso de *toilettes* em todo o genero.

Os *decant de corsage* ou peitilhos ornam deliciosamente os vestidos atogados e decotados dando logo á *toilette* o cunho da mais alta elegancia.

FIG. 1—*Toilette* de noite em seda *Pompadour* lindo *vert d'eau* com ramos de flores rosadas e folhagem *brodée d'ouro*, *devant de corsage* em *vieux point de Venise*. Cintu e laços de velludo verde escuro.

FIG. 2—*Toilette* de visitas feito *Princesse*, em velludo *brigue* com bordados a seda de tom mais claro. *Fentre crême* com plumas *ombrées*.

FIG. 3—Chapéu, *signé Alphonsine*, em tulle preto com fundo de jacintos em velludo de varias cores, rosa, branco, lilaz e *grenal* escuro.



FIG. 1



FIG. 3